

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

A dúvida do mercado

Depois de uma temporada em Nova York para aulas e palestras, o cientista político Murilo de Aragão voltou com a certeza de que o mercado americano está de olho no Brasil, mas o pé dos investidores continua no freio. Dólar barato atrai, mas a incerteza eleitoral afasta.

Dogmáticos versus pragmáticos

Uma das dúvidas do mercado é quem vai predominar se Lula vencer: os pragmáticos, que preferem a economia saudável e capaz de promover o crescimento do país ainda que sem um Estado tão propulsor do desenvolvimento, ou aqueles que colocam os dogmas acima de tudo e rechaçam as privatizações.

Incógnitas

Obviamente, ainda há tempo para Lula apresentar seu plano. Mas saber quem vai prevalecer, se dogmáticos ou pragmáticos, só mesmo se o petista vencer. “Hoje, o PT não tem a mesma aceitação de Lula”, diz Aragão. Por isso, fazer essa distinção entre as alas petistas é considerado um ponto fundamental.

Nada é para já

Dos pré-candidatos a presidente que desfilaram até agora, dois já são vistos como fora do páreo: Sergio Moro (União Brasil) e Eduardo Leite (PSDB). Se alguém levar em conta que, no ano passado, Luciano Huck ainda aparecia como pré-candidato, são três os que ficaram pelo caminho da pré-campanha.

Maió é mais um “entrepasto”

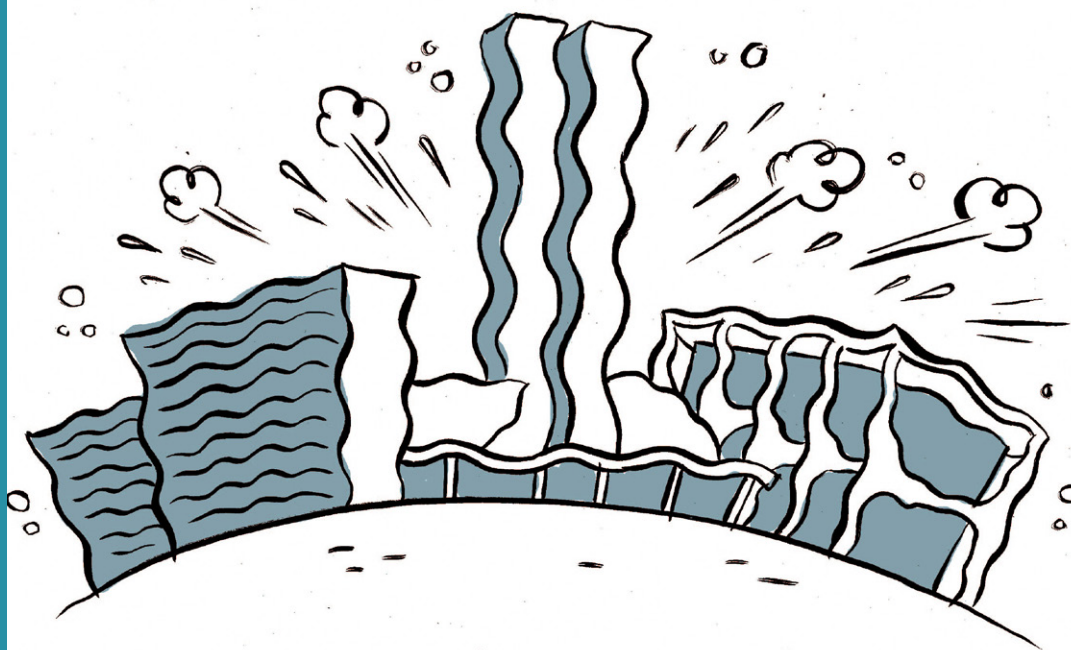
A insistência dos partidos de centro em escolher um candidato em maio é considerada um “teatro” por parte de alguns mais experientes na política. Em 2018, por exemplo, Ibaneis Rocha só anunciou oficialmente que concorreria ao governo do Distrito Federal em 2 de agosto. Sequer participou das primeiras sabatinas na mídia.

Resta o Congresso

Juristas e advogados que passam o fim de semana debruçados sobre a graça que o presidente Jair Bolsonaro concedeu a Daniel Silveira (PTB-RJ) e se preparam para a batalha jurídica que vem pela frente avaliam que não há muito o que fazer, em relação à prerrogativa presidencial. A concessão da graça é atribuição privativa do presidente da República. E há várias manifestações de ministros do próprio Supremo neste sentido sobre indultos, que também valem para a situação individual do deputado. Uma delas diz, por exemplo, que o poder do indulto é tão

amplo que o plenário do STF decidiu que “não se reclama o trânsito em julgado” da condenação, conforme caso relatado pelo ministro Sepúlveda Pertence. Logo, resta punir Daniel com a perda do mandato.

Da parte dos atuais ministros do Supremo Tribunal Federal, a maioria evita se pronunciar abertamente sobre o indulto concedido a Daniel Silveira porque está tratando de recuperar a antiga máxima “juiz fala nos autos”. Afinal, caberá ao STF se pronunciar, diante da enxurrada de ações contra o ato do Presidente da República.



CURTIDAS

De novo, não! A resposta dura e seca que o presidente Jair Bolsonaro deu ao ex-presidente Michel Temer diante da proposta de recuar na concessão de graça a Daniel Silveira foi proposital para tirar o emedebista da cena. Em setembro do ano passado, quando Temer foi chamado a Brasília, ficou nos bolsonaristas a sensação de que o MDB tentou surfar na onda.

Enquanto isso, a conta de luz ó...!

O governo anunciou o fim da bandeira vermelha, mas em alguns estados, o preço da energia continua subindo. O deputado Danilo Forte (União Brasil-CE) avisa que, no Ceará, o aumento foi de mais de 20%, sendo que o setor produtivo, que trabalha com irrigação, chegou a 32%. “Está se trabalhando mais para construir crises no Brasil, do que para resolvê-las. Esta da energia é uma delas”, diz ele, pedindo uma lupa sobre as agências reguladoras.

Caio Gomez



Um teste para Simone! Amanhã, a senadora Simone Tebet (foto) tem encontro marcado com a Associação Comercial de São Paulo. Será o momento de a pré-candidata do MDB mostrar um projeto com começo, meio e fim.

E a festa não acabou! O aniversário de Brasília já passou, mas as comemorações com o registro desses 62 anos permanecem. Vale visitar a exposição das capas do **Correio Braziliense** no Centro Cultural Banco do Brasil, desde sua primeira edição em 1960.

ELEIÇÕES / A crise econômica e o desmonte de políticas sociais levaram a um maior engajamento dos movimentos rurais, que querem agora participar de forma direta da disputa eleitoral para ampliar a bancada representativa no legislativo

De olho em vagas no Congresso

» VICTOR CORREIA

Os movimentos rurais querem criar uma bancada no Congresso em 2023, nos moldes da “Bancada do Cocar” almejada pelos indígenas. A crise econômica e a má gestão do governo Bolsonaro levaram a uma maior mobilização desses grupos. E agora eles pretendem atuar de forma direta nas eleições, elegendo candidatos e participando da elaboração dos planos de governo.

Segundo Alexandre Conceição, que integra a Direção Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é a primeira vez que a entidade participa de forma organizada das eleições. Nos anos anteriores, os candidatos foram decididos localmente, sem uma decisão central do MST. “O diferencial é essa entrada mais organizada, por conta da crise e da falta de representação no Congresso hoje”, afirma Alexandre. Segundo ele, a atuação do movimento durante a pandemia, com a distribuição de alimentos, colocou as lideranças políticas do MST em destaque e atraiu pedidos de partidos e do próprio ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para que dirigentes do movimento participem das eleições.

Atualmente, o movimento tem três representantes na Câmara: Valmir Assunção, João Daniel e Marcon, todos do PT. O objetivo, segundo Alexandre, é dobrar a representação com

Rosa Amorim, por Pernambuco; Ruth Venceremos, pelo Distrito Federal; e Gilvânia Ferreira, pelo Maranhão. Todos concorrerão pelo PT. “Nós queremos construir uma bancada da agricultura familiar, dos povos indígenas, dos ribeirinhos, que possa debater sobretudo a soberania nacional do país, a produção de alimentos saudáveis, a reforma agrária”, diz Alexandre.

“O Brasil não resiste mais a um desgoverno, que não deu garantia, que tirou o poder de compra não só da agricultura familiar, mas também dos trabalhadores”, disse a coordenadora-geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar no Brasil (Contraf), Josana Lima. “Nós temos muita disposição nesse processo de reconstruir a pauta. A zona rural precisa ser conhecida como um espaço que tem vida, um espaço que tem pessoas”, continua.

Josana afirma que os agricultores familiares foram os mais atingidos pela pandemia, e tiveram grande dificuldade ao ficar isolados em suas comunidades e não conseguirem inserção com qualidade no ensino on-line para os mais jovens. Segundo ela, as dificuldades e os desmontes dos últimos anos fizeram a categoria se mobilizar mais nesta eleição.

“Está muito claro na nossa base que as eleições de 2022 serão diferenciadas. E isso começou na disputa passada para prefeito”, afirma Josana. A categoria está

Matheus Alves/Divulgação



Rosa Amorim, pré-candidata a deputada federal em Pernambuco, durante evento do Levante Popular da Juventude

buscando montar bancadas agora para as assembleias legislativas estaduais e também para o Congresso. O entendimento é que não adianta eleger um presidente alinhado com os interesses dos agricultores familiares, se não houver representantes no Legislativo para alterar a legislação.

Demandas e propostas

Já a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag) ainda não definiu quais candidatos vai apoiar, mas concorda que o governo Bolsonaro foi extremamente prejudicial para a categoria. “Os agricultores e as agricultoras familiares estão cada vez mais atentos às propostas em debate nestas eleições, exatamente pelo cenário de pandemia e, sobretudo, da inflação, do desemprego, do aumento do preço dos combustíveis, das



A estratégia é tentar eleger principalmente deputados estaduais, talvez algum deputado federal. Porém, na eleição presidencial, eles não têm tanto peso, não”

David Fleischer, cientista político

tarifas de energia e dos custos de produção”, disse o presidente da Contag, Aristides Santos.

No momento, a atuação da Contag ocorre no diálogo com os agricultores familiares para entender quais são as demandas e

propostas que podem beneficiar a categoria. Com essas informações, a confederação vai preparar uma Plataforma da Agricultura Familiar para apresentar aos candidatos ao Planalto, além de pautar também os governos estaduais e municipais.

Para o professor de ciência política da UnB David Fleischer, os movimentos rurais costumam ter força nas eleições locais, mas isso varia muito de acordo com a região. “Em alguns estados, eles têm mais eleitores; em outros, menos. A estratégia é tentar eleger principalmente deputados estaduais, talvez algum deputado federal. Porém, na eleição presidencial, eles não têm tanto peso, não”, afirma.

Fleischer avalia que o atual governo, por desmontar as políticas sociais e pela má gestão da pandemia, levou a uma maior mobilização dos movimentos sociais no geral, incluindo rurais.

Demandas

- Principais pontos para 2022, segundo os movimentos rurais*
- » Preocupação com a situação econômica: alta inflação e fome;
 - » Falta de medidas para mitigar a estiagem no Sul e as enchentes no Sudeste e no Nordeste;
 - » Paralisação da reforma agrária;
 - » Desestruturação dos serviços do INSS;
 - » Falta de recursos para a equalização do crédito rural e para o Plano Safra;
 - » Condição precária da saúde na zona rural;
 - » Filas longas para a Previdência Social e para o Auxílio Doença;
 - » Aumento da produção de alimentos